

# Foto Rara



*Rinhadeiro no Bairro Boqueirão*

**R**inhadeiro situado no bairro Boqueirão, na Avenida Brasil, logo após o IE. Entre os proprietários dos galos, vê-se o Coronel Pelegrini (camisa branca, o antepenúltimo à esquerda). Atrás dele o ferroviário Pedro Martins (chapéu e camisa preta). *Foto Czamanski.*

# Cine Teatro Pampa

(A mais luxuosa casa de espetáculos do Interior do Estado)

**HOJE às 20,45 horas HOJE**

Teatro Amador «Delorges Caminha» apresenta

A alta comédia em 3 atos de Luis Iglézias

## «BICHO DO MATO»

Com o seguinte elenco :

|            |   |                        |
|------------|---|------------------------|
| MERENCOREA | — | Rosa Teresinha Sochett |
| PAULINA    | — | Ione Bramatti          |
| GENOVEVA   | — | Malvina D. da Silva    |
| SEVERO     | — | Walter Portella        |
| ROBERTO    | — | Homero Costa           |

Direção : PAULO GIONGO

Sábado : Um espetáculo incomparável! Um filme aplaudido pelo público e pela crítica! 3 vezes premiado — em cinemascope e technicolor

## “Férias de Amor”

com Willian Holden, Kim Novak Rosalind Russell

# TEATRO

## «Onde Estás, Felicidade?»

FEDROTO

O Grupo Escola de Teatro Amador «Delorges Caminha», encenou ontem, no Cine Imperial, com geral agrado do público, a comédia em 4 atos, de Luiz Iglesias, intitulada «Onde estás felicidade?»

Vencendo as dificuldades dos atos iniciais — quando o natural nervosismo com o primeiro contato com o público dificulta a movimentação em cena com naturalidade — os integrantes do elenco do «Delorges Caminha», conseguiram ir elevando o nível artístico da peça, tornando-a atrativa e sumamente interessante após o término no primeiro ato.

«Onde estás felicidade?», teve o seu ponto culminante no final do 3o. ato, quando o ctecelão Paulo teceu um hino de louvor ao trabalho honesto, que constrói a grandeza da pátria. Momento de grande emoção, que uma boa parte de nosso público, soube aplaudir merecidamente.

A peça consegue prender o interesse dos expectadores pelos seus ângulos interessantes, seja nas reminiscências do casal Clódio e «seu» Pereira, seja pelo drama de Paulo ou pelas ridículas manias de «gente bem» de Nêmia e «seu» Napoleão.

Cenários adequados e de bom gosto. Louvamos a rapidez com que foram mudados, apesar de pouco espaço existente no palco para deixá-los armados previamente.

Magnífico guarda-roupa, retratando fielmente as circunstâncias em que eram vividos

os papéis no momento azado.

Seria injusto destacar nomes, nem ao porque somos contrários a que se destaquem nomes em Grupos de Amadores, pois essa eventual destaque (embora partindo de um cronista sem decisão importância ou influência do autor das «Gotas de Elegância...») pode, às vezes, causar dificuldades e dores de cabeça à Direção Artística do Grupo... Não resta dúvida que existem nomes que deveriam ser destacados, pela sua melhor e mais segura atuação, porém achamos mais conveniente prestar a nossa homenagem ao Grupo inteiro, registrando com muito agrado todos os seus nomes: Jayme Sirotsky, Honorino Barbisan, Italia Durgante, Rosa Terezinha Sachett, Dorotéia Della Mée, Tenente Odi M. da Silva (estreante), Edith Lorenzone (estreante), Pedro de Alexandre, Marília Bexiga, Leonilde Marini (estreante), Capitão Majella M. Bernardes e Airton Fagundes (apresentação).

Direção Artística do Dr. Paulo Glongo

Fonte: Sérgio Della Mée

Contra Regras: Hortêncio C. da Silva e dr. Paulo Glongo

Cenários e Maquiagem: Capitão Majella M. Bernardes, Honorino Barbisan, Hortêncio Coimbra da Silva e Pedro de Alexandre.

Sonoplastia de Gláudio Flores e Airton Fagundes.

— Hoje, a encenação da peça «As mãos de Eurídice», de Pedro Bloch.



### AMOR

O médico e a Heroína da fotonovela vivem emocionante história de amor.



### FINAL

Paulo Giongo não mandou contar o final da fotonovela "O assassino", que será editada em breve. Mas, supomos que o par (Paulo Portela e Terezinha) acabará feliz da vida. O "Delorges" está ensaiando, agora, "Cidadão Zero", comédia teatral de Delorges Caminha, que será estreada com a presença daquele célebre ator.



### ACUSACÃO

O médico, que salvara a vida de moça acidentada, é acusado de haver assassinado sua própria esposa



### INQUÉRITO

O inspetor (Paulo Giongo) interroga o médico (Paulo Portella), enquanto a jovem (Rosa Terezinha Sachet) se mantém à distância.

A gente pode esperar tudo do pessoal do "Delorges Caminha", conjunto teatral de amadores, orientado por Paulo Giongo, jovial farmacêutico que resolveu revolucionar a cidade de Passo Fundo, transformando-a em centro artístico de importância no Rio Grande do Sul. Já há alguns anos, não é surpresa nenhuma a montagem de peças de alto gabarito cultural pelos atores da capital serrana. Sob a direção de Paulo Giongo, Passo Fundo e outras cidades do Interior, aplaudiram, em temporadas consecutivas, obras de Pedro Bloch, Roblés, Agatha Christie, Rachel de Queiroz e outros comediógrafos importantes. No ano passado, o "Teatro Escola Delorges Caminha", fez bonito, em Porto Alegre, com uma série de bons espetáculos.

Agora, também sob a inspiração do dr. Paulo Giongo, Passo Fundo se lança a outra aventura que produzirá bons resultados. O "Delorges" já finalizou a montagem de sua primeira fotonovela: "O Assassino". A ficha técnica da mesma é a seguinte: entredo e direção de Paulo Giongo; fotografias, Szamanski (renomado fotógrafo). Ficha artística: Rosa Terezinha Sachet, Walter Portela, Epaminondas Xavier.

# PASSO FUNDO

## PRODUZ (TAMBÉM) FOTONOVELA



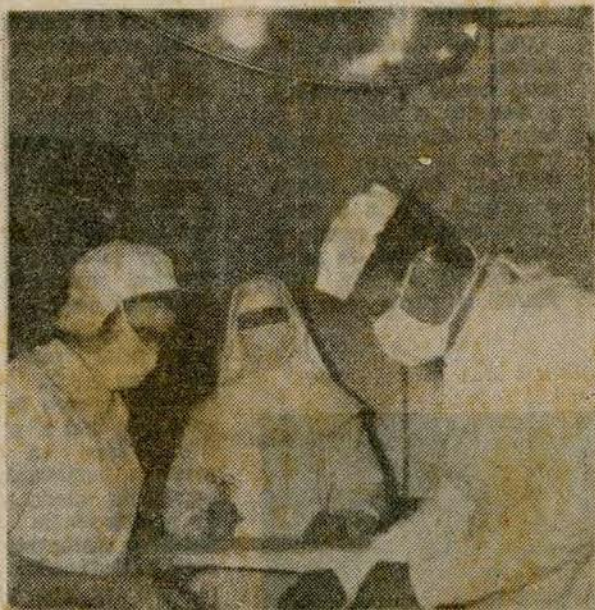
### ACIDENTE

A jovem ferida é retirada do automóvel por alguns populares. Entre eles, figura um pára da sociedade.

Um rapaz alcoolizado é jogado numa sargeta. Neste instante, um carro desgovernado quase o atinge, indo colidir metros a pós com um poste. O jovem se recompõe e, junto com outros populares, conduz a jovem que guiava o automóvel, até ao hospital. A moça está com fratura exposta no crânio e, no momento, não se encontra nenhum médico no hospital. O marginal se identifica, então, como médico, e procede à operação necessária. Após o caso, relembra-se que ele era acusado de haver assassinado a esposa...

Porto Alegre, 9-2-1964

É assim que se inicia a fotonovela "O Assassino" que tem 93 quadros e foi inteiramente fotografada em Passo Fundo, na interpretação do Elenco do "Teatro Escola Delorges Caminha".



### OPERAÇÃO

A jovem teria de submeter-se a uma operação. O marginal se identifica como médico (os médicos do hospital não estão presentes, porque foram atender a um acidente ferroviário).

9/Passo Fundo, 24/25 de Dezembro de 1980

O NACIONAL

# JOAOZINHO MAGRO

IO com louvor ao sarau musical



★ Martha Grazziotin Bernardon na ocasião da gravação do especial para a TV Umu, com a apresentadora Rosa Sachetti.



★ Martha, Maria Elizabeth Salles, Pedro Paulo Prestes

**Grupo de Teatro Amador "Delorges Caminha"**

---

Dia 29/8/64 às 20,30 horas no

**CLUBE CRUZEIRO**

(Exposição)

Será levada ao palco a peça

**PERTINHO DO CÉU**

Em Benefício do Grupo Escolar Jerônimo Coelho (Supletivo)



**Grupo Escola de Teatro Amador**  
**«Deorges Caminha» de P. Fundo**

Apresenta

**«Testemunha da Acusação»**

**Drama policial em 4 atos de Agatha Christie**

**Época, atual — Ação em Londres**

**ELENCO POR ORDEM DE ENTRADA**

grace, edith lorenzoni — leonardo vole, hortencio coimbra da silva — charles robarts, paulo giongo inspetor macdonald, tenebro dos santos moura romaine heilger, leonilde marini — juiz, pedro de alexandre — promotor, walter portella — janet brooks, ivanilde marini — escrivão, claud n. marques — policial, josé metello — a jovem, rosa the-resinha sacchetti.

**auxiliares da parte técnica:**

malvina flozza da silva, plautoannoni, fausto branco, hortencio coimbra da silva e alexo viacelli.

**direção artística e geral: paulo giongo.**

A Direção do GETA «DEORGES CAMINHA» apresenta seus mais sinceros agradecimentos para todos os que, direta ou indiretamente, colaboraram para o êxito desta peça.

Noticiário local - 2.10.57 =

SRTA ROSA TEREZINHA SACHET.

É com grande satisfação que registramos, hoje, o transcurso do aniversário natalício da nossa distinta e estimada colega de trabalho, srta Rosa Teresinha Sachet, dileta filha do sr Felix Sachet e de sua exma esposa dona Cunegundes Sachet. Dotada de raros predicados aliados a um espírito alegre e comunicativo, Rosa Teresinha tem sabido conquistar a estima e admiração de todos quantos labutam nesta emissora, merecendo de seu caráter afável e sincero, e de sua dedicação ao trabalho, -

~~virtudes e qualidades que lhe merecem a admiração e o respeito de todos quantos a conhecem.~~  
~~virtudes e qualidades que lhe merecem a admiração e o respeito de todos quantos a conhecem.~~

Aficionada da arte teatral, tem tido destacada atuação em diversas atividades do Grupo Teatral de Amadores em cuja ribalta já brilhou por inúmeras vezes conquistando o <sup>merecido</sup> aplauso da plateia passofundense. -

Rosa Teresinha é também presidente da JOC local, onde empresta a melhor de sua colaboração e de seu esforço em prol do engrandecimento dessa sociedade religiosa.

No decorrer do dia de hoje, a distinta aniversariante recebeu inúmeros cumprimentos da parte de suas amigas, colegas de serviço, e <sup>de</sup> grande número de pessoas do seu vasto círculo de relações e amizade.

Nos que temos o prazer de privar da sua amizade e estima, sentimo-nos jubilosos pelo transcurso desta grata efeméride. -

# Diário da Manhã

PASSO FUNDO - SÁBADO, 13 DE AGOSTO DE 1977 - ANO 42 - Nº 212

## A RADIODIFUSÃO EM PASSO FUNDO

Roberto Aveline foi um dos gerentes que mais movimentou a programação da Rádio Passo Fundo. Com a Ponte Aérea Artística Rio de Janeiro-Passo Fundo, trouxe em 1954 dezenas de cartazes para atuar ao microfone da emissora no palco do Cine Imperial e após no Restaurante Maracanã. Quando houve a transmissão de cargo de gerente, em 1955, ao final da solenidade uma confraternização no Restaurante Maracanã. No flagrante acima, temos da esquerda: Rosa Terezinha Sachet,



Gildo Flores (novo gerente), Carmem Bueno, Roberto Aveline (geren-

te que deixou o cargo) e Nery Oliveira. Atrás, da direita: Guilherme Ve-

nhofen, João Vieda, Alady Berleze de Lima e Astor Batista.

## **"CRÔNICA DA CIDADE"**

### **O problema do menor e a realidade brasileira**

Meirelles Duarte

**O NACIONAL**

5/PASSO FUNDO 08 DE FEVEREIRO DE 1984

XXX

HOJE estou publicando ao pé desta crônica, uma foto que reúne os integrantes do famoso rádio teatro da Rádio Passo Fundo, nos aúreos tempos dos valores artísticos da cidade. Grandes nomes como Walter Portella que hoje é figura de primeira linha de Teatro e Cinema nacionais. A foto é dos arquivos da Nery Lautart de Oliveira, ainda hoje militante da emissora.

XXX

SENHORA Esther Bacaltchuk, da direção da SAMI com firmando o equilíbrio nas finanças desta importante e tradicional entidade filantrópica da cidade. Lembrou que várias viagens fez até a capital encontrando-se não só com o governador como também com a sua esposa. A participação de nossa gente foi, igualmente muito importante.

XXX

UMA NOVA e promissora geração de atletas está surgindo graças às olimpíadas do Clube Comercial que vem preencher este longo espaço das férias de verão de nossos colégios. Estive no encerramento e vi a alegria daqueles pequeninos saindo com seus medalhões pendurados no pescoço. Uma iniciativa digna de aplausos e apoio.

XXX

O GRANDE ELENCO DOS RÁDIO-TEATRO DA RÁDIO P. FUNDO



Aí está o elenco da novela "Tia Júlia" da Rádio Passo Fundo na década de cinquenta. Vemos dentre outros: Ivo Smanioto, Rosa Sachetti, Nery Oliveira, Casal Coimbra, Plauto Annoni, Paulo Giongo Fausto Branco, Walter Portella, Gildo Flores e Viacelli. Bons tempos inesquecíveis, tempos ainda hoje lembrados.

Teatro

18-8-55

# FEIA

Ruth Mary Berry

Depois das garantias que nos foram dadas, quando do nosso último comentário da atuação do G. E. T. A. «Delorges Caminha», foi com as maiores esperanças que aguardamos sua apresentação seguinte e com as maiores ilusões que fomos assistir-la, tendo sentido profundamente que as mesmas não tenham conseguido resistir ao espetáculo. Entretanto, salmos do Cine Real satisfeitos com a oportunidade que foi dada a Rosa Teresinha Sachett, de mostrar-se ao público e a nós de apreciá-la. Não resta dúvida que possui a mesma qualidades que a categorizam a um lugar nos grupos teatrais da Capital do Estado, onde lhe poderá ser propiciado ambiente para o desenvolvimento do grande senso artístico que demonstrou possuir, senão este, aliado, ainda, a uma boa presença de espírito, o que impediu que se perturbasse com a atrapalhada de alguns diálogos, o que seria natural que tivesse acontecido, dada sua qualidade de extraneidade. Foi sem dúvida, também, elogiá-

vel o esforço de Marília Bexiga, para integrar-se numa personagem, cuja personalidade foi visivelmente mal compreendida. Gildo Flores, Italla Durgante, Geraldo Magela, Dorothea Della Mésa, Honorino Barbisan e Fausto Branco apareceram com algumas virtudes e muitos pecados. Muito bons os cenários e as indumentárias femininas, em especial a de Rosa Teresinha Sachett no terceiro ato. Em bom nível, também, a atuação dos maquinistas, apesar de não podermos dizer o mesmo da iluminação e a maquiagem, tanto feminina como masculina, aliás iluminação e maquiagem são dois fatores que necessitam estar perfeitamente coordenados para que se obtenha o efeito desejado. Que nos perdoe o G. E. T. A. «Delorges Caminha», se não pudemos retribuir totalmente a gentileza de nos terem remetido ingressos, mas seria incoerência de nossa parte se agíssemos diversamente. E se aceitam um conselho, desinteressado, tirem aquele «E» das iniciais.



# TEATRO



DIA 13-8-55 P. FUNDO

## «F E I A» -

Por  
Altamirando  
Sinfrônio

Ah! como vocês me desiludiram! Podiam ter levado um espetáculo digno de mim e não o fizeram. Isso é sadismo intelectual (será que esta certo?) é insensibilidade, ouviram? Trabalinho como o de vocês qualquer Dela Costa, qualquer Procópio, qualquer Rodolfo Mayer faz...

E antes que eu me esqueça, acho melhor vocês tirem o «G», ou o «E», ou então o «T», ou o «A», que diabo, tirem uma letra qualquer. Tirem que eu boto depois. (Eu gosto tanto de dar letra...)

Sabem, vocês decepcionaram mesmo a mim, crítico de arte, apresentando essa coisa «F E I A». Imaginem que até a «maquillage» estava errada!

A «maquina» sim funcionou mais eu menos, mas o resto não prestou.

A Lavinia, pobrezinha, ter que trabalhar num teatrinho do interior é demais! Si ela fôr para Porto Alegre, aí sim vocês vão ver o que é presença de espírito, e, naturalmente, ausência de corpo.

Escutem, por favor,

não me mandem mais entradas para essas bobagens de vocês, porque quando eu quizer assistir teatro eu vou a Buenos Aires, Punta de Leste onde a arte pura, que é o meu franco, oferece garantias de verdade.

Devo dizer, pelo menos para tapear, que gostei muito das indumentárias femininas. Estavam «MODISH», principalmente a da senhora que sentou perto de mim (uma das 10, por sinal).

Quanto ao resto é bom nem falar porque só tem defeitos. Parece mentira, tanto tempo para ensaiar, tantos anos de profissionalismo para apresentar essa «sinecura trepidante» para a gente que tanto ajuda e tanto tem feito pelo teatro... para a gente que deixa os afazeres domésticos, os afazeres profissionais, que perde todas as horas de lazer, todo o tempo que podia descansar e privar com a família ou buscar um divertimento, para a gente que não tem tempo nem sequer de mascar um chiclete, para a gente que

se esforça, que ensaia, e pinta cenários e ensaia e se alimenta mal porque tem que cuidar de ensaiar, de correr para lá e para cá e de se esforçar para dar um pouco de si aos outros, para fazer um pouco de arte para uns, para oferecer um pedago de pão ou um pouco de agasalho para outros... Não, isto já é abusar ouviram? E tratem de tirar aquele «E» que na minha opinião de crítico, não é!

Teatro sem Ponto dia - 21-8-55. P. Fundo

## Semana teatral amadorista

B. Garay

PARA COMEÇAR, devo dizer que não se realizou, como estava programado, o esperado espetáculo do conjunto «Amadores Reunidos», com a comédia de Paulo de Magalhães «O Interventor».

Várias as razões, sendo a principal doença entre familiares dos componentes do elenco, o que, por certo, iria diminuir a disposição artística dos amadores, mormente em se tratando de estreantes.

Resta a todos aguardar alguns dias mais, tanto aqueles que já adquiriram entradas, como os demais que esperam com vivo interesse a apresentação em público do Interventor famoso.

O grupo «Delorges Caminha» encenou as duas peças que vinha anunciando: «Feia» e «Os Inimigos não Mandam Flores». Apreciei bastante o trabalho da equipe. Admirei-me com a apresentação da parte cenarística, que mereceu grau dez, indiscutivelmente.

ROSA TERESINEIA SECHET, de onde surgiu você, assim sem mais nem menos, assustando a gente? Você me assustou, Rosa! Você, pequenina assim, brejelinha assim, estreante assim, vem dar lição de teatro em gente velha como eu? Alina minha gentil que apareceu no elenco de «Feia», tão bonita! Nem Camões me ajuda a dizer o quanto fiquei surpreendido com você, desde que ouvi a sua primeira fala no palco do Cine-Teatro Real, terça-feira.

Rosa, você é uma menininha danada de talentosa. Você conversa no palco como se estivesse atendendo a um pedido de dedicatória aí no guichet da Rádio Passo Fundo! Você, automaticamente, sabe consertar um diálogo «matado» como o mais experimentado dos profissionais. Você tem uma espontaneidade, uma movimentação... Diga uma coisa, Rosa: o que você tinha quando representou a peça «Feia»? Eu ainda não estou acreditando que aquela Lavinia fosse você!

INTERESSANTE A HUMANIDADE! Domingo passado eu dizia que diversas criaturas elogiaram a minha idêia de publicar aqui no «Teatro sem Ponto» uma poesia de vez em quando. Por isso publiquei. Agora, me baixam a lenha, pronto! Que a época do romantismo já passou, que eu devia me ocupar de outros assuntos... Mas não há de se ver!

Já que não há margem de se contentar gregos e troianos, aqui vão duas quadras do extraordinário Mário Quintana, extraídas de seu livro «Espelho Mágico»:

### DA INCONSTANCIA DAS MULHERES

Deixou ela por outro... e te arrelias  
Conta esse antigo, feminil defeito.  
Outro refrão, porém, me cantarias,  
Se ela traísse a alguém em teu proveito...

### DA MANEIRA DE AMAR OS INIMIGOS

Novo inimigo tens? Não te cause pesar  
Tão risonho motivo...  
No dia em que triunfes, há de achar  
Na cara dele o teu prazer mais vivo.

# “FEIA” e “Os Inimigos não Mandam Flores”

Escreve F. G. Morsch

Na crítica teatral o elemento «certeza de êxito» sómente pode provir da assistência; das palmas que se ouvem. A ausência destas elimina a possibilidade de um crítico afirmar o contrário do silêncio que alas expressam. O aplauso acompanha o êxito: é seu reflexo.

O teatro já se democratizou; ele foi um «senão», afastado do contacto do povo; agora, não! Este é quem o precisa, analisa, avalia e critica. O teatro deixou de ser o monopólio de entes excepcionais, dotados eles só de uma luz inspiradora que os faz únicos entendedores. E é o seu maior mérito. A sagacidade do crítico está em se adaptar à opinião da platéia enunciada na onda de aplausos. Contrariá-la é acaso possível? Quem tem a palavra é a assistência.

Nas pequenas cidades a vida do teatro é delicada. Exige sacrifícios enormes; deve ser protegida com carinho, solicitude, com calor e entusiasmo vivos. Si a atacarmos; si sobre ela lançarmos um jato de água gélida, guardada nos recipientes onde o rigor desconhece as razões do coração, irá tudo águas abaixo.

A velha crítica tem as faces enrugadas. O tempo a venceu. O seu rigor não se adapta mais ao sangue novo das cidades jovens! Estas querem vigor, seiva, oxigênio, mocidade, alma e sentimentalismo. Elas desejam eficiência e desenvoltura; alegria, em seus juízos, ainda não requer perfeição. Elas pedem a que o G. E. T. A. «Delorges Caminha» ofereceu à nossa cidade, hoje admirada e agradecida. Há pouco ainda me disse alguém: «Venha cá: você viu o Jaime! Mas o que é aquilo? Veja você! E era o Jaime mesmo, rapaz! Mas não é possível.» Nestas palavras o entusiasmo se ressaltava, numa expressão quente, o trabalho do jovem ator Jaime Sirotsky. O grupo de amadores consagrou o espírito de iniciativa e o sacrifício de jovens e velhos atores da cidade. Impressionou-nos e a toda a platéia a interpretação de Marília Bexiga, inteligentemente desempenhada, consagrando-a em definitivo. Terezinha Satchett, a estrante, muito bem escolhida para o papel, dava-nos a impressão de há muito dominar as «Luzes da Ribalta». Dorotéia

Della Maa, cumpriu sua missão com desenvoltura nítida de atriz.

A todos a cidade aplaudiu impondo o seu juízo crítico.

Passo Fundo, hospitaleira, acolhedora e simples, se tornou narcisista: ovacionou a si própria.

O público aplaudiu muito os trabalhos dos atores e eles merecem, sem dúvida alguma.

O movimento teatral tem ganho o aplauso da cidade e os espetáculos o das platéias agora mais encorajadas, principalmente depois das duas últimas récitas. E verdade, artistas amadores sabem avaliar o aplauso; este é uma espécie de luz e de alegria que lhes inunda a alma. E como foi amplo e espontâneo! Correspondeu «intotum» aos papéis vívidos e interpretados.

Quando a platéia aplaude assim, é que ela mesma passou a viver e a sentir com os intérpretes; quando aqueles que compraram «ingresso», quasi possuidores do direito de valar, «direito que se compra junto à porta ao entrar», invadem a ribalta para abraçar moços de valor, está feita a crítica: — a crítica sensível que brota do coração; que anima, estimula, enobrece, eleva; crítica tão à feição das grandes almas, que nos lembram a semente do Semeador: tão naturais que vêm caindo, tão próprias que vêm nascendo.

De todos os críticos do mundo, o mais eficiente é a platéia, que adquire o direito de valar. E esta, integralmente, consagrou o Grupo «Delorges Caminha». Oh! si este conseguir sempre a enunciação forte e espontânea da crítica das platéias por entre palmas, si o conseguir poder-se-a dizer: Ele fará Passo Fundo crescer mais do que o fez à hora da extraordinária representação de «Os Inimigos não mandam flores».

E a propósito: como eu gosto daquela letra «E», inicial de estímulo de nossa bela língua; de elevação, espírito, evolução, evocação, escola. Escola, que é um acréscimo de luz à inteligência humana. Escola que não é plenitude do homem perfeito e nem do artista perfeito.

Como é bom saber que tais valores existem em nossa cidade: Jaime Sirotsky, Gildo Flores Paust Branco, Cap Majella Bernar-

des, Italia Durgante, Honório Barbisan, Paulo Glongo, Nelva Portela, esta última uma artista de verdade. Estou apresentando que Delorges Caminha não ficará só; o grande ator encontrará quem o imite ou o suplante nestas mesmas plagas.

Bom; eu não disponho de cursos ou títulos sobre crítica teatral especializada e mesmo elementar. Portanto, «me suster ultra crepitans» (não vá o sapateiro além das chinelas).

# O "Delorges Caminha" colhe mais um triunfo

Valiosa colaboração desse homogêneo conjunto às obras da «Casa de Retiros»

10-09-

Numa «gira» demasiado exitosa, o Grupo Escola Teatral de Amadores «Delorges Caminha», esteve nesse passado 7 de setembro atuando na simpática cidade de Carazinho, num espetáculo de grande gala, na magnífica sede da Ação Católica, com resultante financeira em benefício da CASA DE RETIROS da Diocese, iniciativa do padre Jacob Stein, e cujas obras têm andamento nesta cidade.

«FEIA», a admirável peça de Paulo de Magalhães, foi com o que o DELORGES CAMINHA brindou ao numeroso público que lotou por completo as dependências da «sala de teatro» da citada Ação Católica.

Respeito à interpretação de «FEIA», — sem que com isso queiramos ferir susceptibilidades, porque procuramos ser justos — há, dois nomes a destacar: — o de GILDO FLORES, que «viveu magistralmente» o seu papel de cego apaixonado, e, o desta garôta «revelação» do amadorismo serranoplanaltino: — ROSA TEREZINHA SACHETTI, no papel de Lavínia, uma figura impossível no conjunto histórico da obra. Aliás, ROSA TEREZINHA SACHETTI, — em razão disso que demonstrou ser como atriz da ribalta, já teve observadores do teatro dos grandes centros — apreciando-a, com posteriores e honestos encômios. (Será que vamos perdê-la?!?!)

Luzida caravana de membros e

dirigentes «delorgianos», tendo à frente o dr. Paulo Glongo, acompanhou os «cartazes» do amadorismo passofundense a Carazinho. OPORTUNAMENTE, ao que colheu a reportagem, o

Grupo Escola Teatral de Amadores «Delorges Caminha» «andarão mais um pouco» (certos, para colher outras vitórias); visitará as hospitaleiras cidades de Lagoa Vermelha e Getúlio Vargas.

# TEATRO

O Grupo Escola de Teatro Amador Delorges Caminha, ofereceu ontem ao público pas-sofundense, no cinema Imperial, a comédia de R. Magalhães Júnior, «Esta Mulher é Minha».

A peça tem um «enredo» interessante, que traz a platéia atenciosa ao desenrolar dos fatos, embora se denote a existência de muitos «chavões» de que os nossos autores não se libertaram ainda, repetindo-se, anos após anos, sem uma modificação substancial em certas cenas que o espectador já adivinha antes de suceder, tal a antiguidade da técnica...

Mas, mesmo assim, «Esta Mulher é Minha» não deixa de ser uma comédia interessante, de boa hilaridade, sem descambar nunca para o terreno da pronografia ou da comicidade grosseira, pois os diálogos se mantêm num clima de equilíbrio que quase tocam ao refinamento.

Apreciando ligeiramente a parte artística e interpretativa da peça, podemos dizer que os desempenhos agradaram, levando-se em conta que a peça não tinha mais o necessário número de ensaios e foi apresentada à título de colaboração com o público, para que o mesmo pudesse desopilar um pouco o seu fígado, já que os projetores cinematográficos continuam gosando as suas férias...

Embora não seja justo destacar nomes, pois todos estiveram à altura dos seus desempenhos, visto sabermos que a peça não foi ensaiada em conjunto nem uma única vez, agradou-nos sobretudo o desempenho de Rosa Therezinha Sachett, pelo desembarço com que se apresenta em cena e pela maneira oportuna com que intervém no diálogo, dando ao mesmo uma idéia de verdadeira «conversa em família». Esta moça — que acreditamos seja estreante ou novata no palco — poderá ainda vir a ser uma magnífica atriz, pois pareceu-nos não lhe faltar talento cômico e sobretudo dramático, pela pequena amostra que nos deu na cena final do 1.º quadro do 2.º ato. Magnífica a atuação de Jayme Sirotsky, encarnando o papel de padre, usando muito bem dos gestos e das palavras, estas últimas caracterizando muito bem o sacerdote da província, pela sua calma e ponderação, embora com o visível sentido de tecer a sua intriguinha... Itália Durgante, veterana intérprete, esteve como sempre segura de seu papel, embora, como em todos os demais, se notasse demasiada confiança no ponto... Zaida Sachett, agradou plenamente, com uma atuação convincente e muito acertada no pequeno papel que desempenhou. Dagmar Corá, fazendo a empregada, numa ponta sem muita responsabilidade, atuou com desembarço, surpreen-

dente para a primeira vez que enfrenta o público, sendo um dos elementos do «Delorges» que assistiu o menor número de ensaios.

O Cap. Majella defendeu-se também com galhardia, sabendo enfrentar com serenidade situações que só mesmo o teatro podem criar na vida de um solteirão que tem o nome dos «Mourão» como sobrecarga em cima dos seus ombros.

Fausto Branco, como o centro cômico da peça, foi o criador das situações hilariantes e divertidas de «Essa Mulher é Minha». Fausto possui inato o «geito» e as «maneiras» de fazer comédias e, em algumas oportunidades (não sabemos se propositadamente ou sem intenção) se assemelha, nas mímicas que exerce, com o nosso conhecido «Oscarito». Já assistimos Fausto Branco em interpretação superior à de ontem, quando interpretou o débil mental numa outra peça cujo nome não lembramos. Mas, como já foi dito no início, as falhas de ontem têm que ser desculpadas pelo público, pois a peça ainda não estava pronta para estrear e foi levada à cena como colaboração aos amantes do cinema e do teatro. No papel central de comico, Fausto pederá melhorar muito a sua interpretação nessa peça se introduzir alguns «cacos» (sem abusar) durante as conversas que mantém com Leonel, por vezes um pouco longas, e que se tornam mais interessantes com o «enxerto» de alguma piada momentânea... Gildo Flores, embora numa pontinha final, esteve perfeito como Prefeito... Grande «aplomb», bem charuto, e até o indefectível chapéu de diplomata... Uma boa caracterização para uma pontinha de interesse vital para a peça.

Pareceram-nos demasiados longos os intervalos, o que causa o pânico. Compreendemos as dificuldades, as deficiências e as lutas que se desenrolam atrás dos bastidores. O próprio dr. Paulo Giongo, batanador inigualável do teatro amadorista, nos contou esta manhã um detalhe que atrazou a abertura imediata da cortina entre um quadro e outro... São cavacos do ofício, mas que devem ser evitados no espetáculo de hoje, para torná-lo mais contínuo e não quebrar o interesse do público pelo cansaço.

Resta o registro dos batalhadores anônimos de todos os teatros do mundo: aqueles que ficam por detrás dos bastidores, vibrando e emocionados tanto ou mais do que os artistas que estão em cena. A nossa admiração a esses que são os estelos e o estímulo aos que estão em contato com o público. São eles, Cap. Geraldo Majella Bernardes, Honório Barbisan, Sargento Serafim Magalhães, Hortêncio Coimbra da Silva e o incansável lidador dr. Paulo Giongo.

— Ao encerrarmos esta nota, chega-nos a notícia de que os cinemas provavelmente reabrirão as suas portas no próximo sábado. Será hoje, portanto a última oportunidade do público passofundense assistir a esse belo espetáculo teatral, colaborando com o «Grupo Escola de Teatro Amador Delorges Caminha», assim como esse Grupo se deve colaborar com a população passofundense. É o que sinceramente esperamos.

P. P. C.